

ERROS NAS GRAFIAS DAS OBSTRUÍNTES EM DADOS DE ESCRITA INICIAL

REINKE, NATÁLIA DUMMER ZACHER¹; BRANDT, ALEXANDRA ALVES²;
MIRANDA, ANA RUTH MORESCO³

¹Graduanda Pedagogia/UFPel – natalia.zacher@gmail.com

²Graduanda Pedagogia/UFPel – alexandra@mabram.com.br

³Departamento de Ensino FaE/UFPel – anaruthmiranda@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O sistema ortográfico do português tem como característica o estabelecimento de relações biunívocas e múltiplas entre grafemas e fonemas (LEMLE, 1982). A correspondência biunívoca pode ser observada nas situações em que um elemento do nível gráfico corresponde a apenas um elemento do nível fônico e vice-versa, já a múltipla diz respeito a relações que se estabelecem entre um fonema e vários grafemas ou ainda entre um grafema e vários fonemas. Neste estudo, serão analisadas as grafias de consoantes que estabelecem relações preponderantemente biunívocas entre fonemas e grafemas, a saber, a grafia das consoantes plosivas e fricativas (/p-b/, /t-d/, /k-g/ e /f-v/) na escrita de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental. Estudos sobre o tema apontam para uma tendência a serem produzidos erros nessas grafias os quais se caracterizam como trocas entre os pares em que a diferença única reside no valor do traço sonoro, isto é: 'b' em vez de 'p' e 'f' em vez de 'v', por exemplo.

De acordo com Zorzi, Brondani & Assencio-Ferreira (2002), as crianças com história de trocas surdas/sonoras no desenvolvimento da linguagem oral apresentam maior probabilidade de apresentar erros deste tipo na escrita, em se comparando às que apresentam desenvolvimento fonológico normal, mas também produzem erros referentes às trocas surdas/sonoras na escrita. O estudo de Rodrigues e Miranda (2011), que analisou textos de crianças que cursavam as séries iniciais do ensino fundamental sem queixas fonoaudiológicas, observa que pelo menos 20% dos sujeitos por elas estudados apresentaram trocas surdas/sonoras na escrita.

O objetivo deste estudo é descrever e analisar erros de escrita que envolvem trocas na grafia de consoantes biunívocas em textos de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, em uma escola pública e outra particular da cidade de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

Os dados examinados neste estudo são erros ortográficos extraídos de textos que compõem o Banco de Texto de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. A amostra que serve de base para este estudo foi extraída de, aproximadamente, dois mil textos, produzidos por crianças que cursavam, à época das coletas, da primeira a quarta série do ensino fundamental. Dos textos foram computados todos os erros que envolvem a grafia de plosivas e fricativas labiais. Para a análise, foram consideradas tanto variáveis linguísticas, tais como posição na palavra, tipo de sílaba, ponto e modo de articulação das obstruíntes; como extralinguísticas: série e tipo de escola (pública ou particular). O foco do estudo incide sobre a escrita das obstruíntes fricativas f/v e das plosivas p/b, t/d, k/g, sendo que para estas últimas são observadas relações múltiplas entre fonemas e grafemas, 'qu' e 'c' para representar

o /k/ e 'gu' e 'g' para o /g/, grafemas que, no sistema, encontram-se em distribuição complementar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em uma primeira análise das variáveis extra-linguísticas, se destaca a grande diferença em relação ao número de erros cometidos por crianças estudantes da escola pública em se comparando ao da particular. Como mostra o gráfico a seguir, mais de 70% dos erros correspondem a dados produzidos por alunos da escola pública. O exame específico deste tipo de erro segue uma tendência já observada em outros estudos realizados a partir do mesmo corpus (os dois mil textos pertencentes ao BATALE), segundo os quais em termos gerais, o volume de erros da escola pública equivale a dois terços do total (cf MIRANDA, 2010, 2013).



Gráfico 1- Distribuição dos dados por tipo de escola

No que concerne a análise dos dados distribuídos por série, o gráfico a seguir indica que os erros se distribuem de maneiras distintas, em se comparando ambas as escolas. Enquanto na pública o número de erros aumenta conforme a evolução da série, concentrando maior número na terceira e somente diminuindo na quarta; na particular, a segunda série é a que apresenta a maior incidência de erros, os quais vão diminuindo nas séries seguintes. Neste caso, observa-se também tendência similar àquela observada em estudos realizados sobre os mesmos textos, no sentido de que os índices de erros ortográficos são maiores na terceira série da escola pública e na segunda da particular, o que tem sido interpretado como uma defasagem entre os dois grupos, já que o da escola particular apresenta um desenvolvimento da escrita que somente será observado na terceira série do grupo que frequenta a escola pública (cf MIRANDA, 2010, 2013).

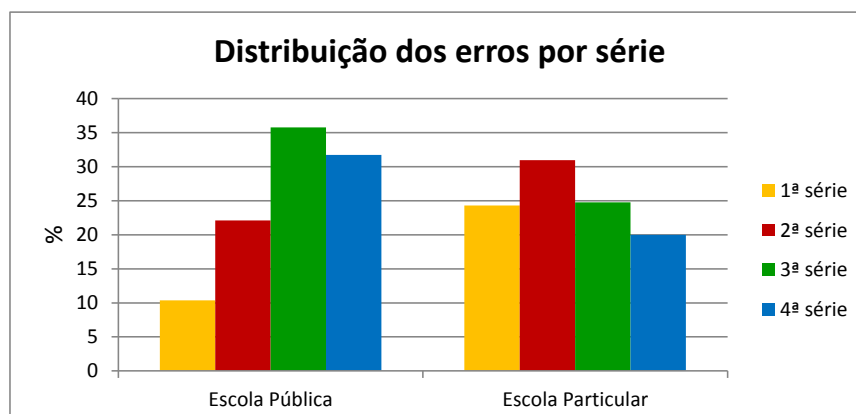


Gráfico 2 - Distribuição dos dados por série

Na análise das variáveis linguísticas, em relação ao tipo de troca observada, percebe-se que, de modo geral, os erros envolvem o traço [sonoro] e não há uma diferença significativa no que diz respeito à sonorização e à dessonorização, sendo que 50,8% do total de erros são casos de sonorização e 49,25 de dessonorização.

Em se tratando do ponto de articulação das consoantes envolvidas nas trocas, o mais afetado é o labial, em 41,8% dos erros encontrados, exatamente o primeiro ponto de articulação a ser adquirido pelas crianças (cf LAMPRECHT, 2004). Considerando-se os processos envolvidos, labial e coronal são os mais acometidos na sonorização. Já o dorsal é o mais afetado pela dessonorização.

Quando a análise incide sobre o tipo de sílaba em que ocorre o erro, quase 90% são referentes à sílaba simples, em ambos os processos. Já na verificação da posição na palavra sobre a qual se observa o maior número de erros, em casos de sonorização, há maior concentração no início da palavra, 66,3% dos erros. O oposto acontece no processo de dessonorização, cuja posição em que há predomínio dos erros é a medial, 57% dos dados.

A explicação oferecida por Cagliari (2003), para a ocorrência dos processos que envolvem os valores do traço [sonoro] na escrita, é relativa ao fato de, em sala de aula, os alunos não serem incentivados a pronunciar as palavras, no momento em que as estão escrevendo, ou de serem, até mesmo, proibidos de fazê-lo. O autor afirma que as crianças costumam comparar fala x escrita no início do processo de alfabetização e, por “sussurrarem” as palavras em sala de aula, acabam por escrever um som sonoro como surdo, pois ainda não conhecem a ortografia nem fazem uso de uma imagem mental sonora-auditiva para identificar qual letra deverão utilizar. Por isso, têm como referência apenas a imagem mental da fala real o que dificulta a decisão a respeito da consoante a ser grafada.

Essa explicação, no entanto, não parece ser suficiente para explicar os casos de trocas nas grafias das crianças, especialmente, porque, como mostram os dados analisados, ocorrem também sonorizações, ou seja, são encontradas trocas de fonemas surdos por sonoros, o que não pode ser explicado pelo motivo apontado por Cagliari (2003).

4. CONCLUSÕES

Neste estudo, foi apresentada a distribuição dos erros referentes às grafias de consoantes cuja característica é a biunivocidade entre os planos gráfico e fônico. A grande diferença observada na análise dos dados está na distribuição dos erros de acordo com o tipo de escola, sendo o maior volume observado nos textos produzidos pelas crianças da escola pública. Outro aspecto relevante, que merece maior atenção em estudos posteriores, é o resultado referente ao tipo de processo na sua relação com a variável posição na palavra, já que ele destoa da tendência observada em dados orais, nos quais o contexto favorecedor da dessonorização seria a fronteira da palavra; e da sonorização, a posição medial, especialmente em contexto intervocálico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2003.

LAMPRECHT, R. R. et alii. **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2009.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco . **Um estudo sobre o erro ortográfico**. In: Otília Lizete Heining, Cátia de Azevedo Fronza. (Org.). *Diálogos entre linguística e educação*. 1 ed. Blumenau: EDIFURB, 2010, v. 1, p. 141-162.

MIRANDA, A. R. M. **Informação fonológica na aquisição da escrita**. In. DEL RÉ, A.; KOMESU, F.; TENANI, L.; e VIEIRA, A.J. (org.). *Estudos linguísticos contemporâneos: diferentes olhares*. Série Trilhas Linguísticas n.23. UNESP Araraquara: Cultura Acadêmica. 2013.

RODRIGUES, Cristiane Rodrigues de; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. As grafias das consoantes que se diferenciam pelo traço [sonoro] em textos de alunos dos anos iniciais. In: Seminário de Aquisição Fonológica, 3., 2011, Pelotas, **Anais**, 2011.

ZORZI, Jaime Luiz; BRONDANI, Adriana Rigo & ASSENCIO-FERREIRA, Vicente José. A incidência de trocas surdas/sonoras na escrita de crianças com e sem história de alteração de linguagem. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 4, n. 2, p.105-110, mai/ago 2002.